

DE CIRCUNSTÂNCIA A ARGUMENTO: PROCESSO DE TRANSITIVIZAÇÃO DE VERBOS MONOARGUMENTAIS

Monclar Guimarães Lopes
Doutorado/UFF

Orientadora: Vanda Maria Cardozo de Menezes

Os verbos “aparecer”, “desaparecer” e “sumir” encontram-se, tradicionalmente, na classe dos verbos inacusativos do Português Brasileiro, na medida em que são verbos intransitivos (monoargumentais) que selecionam como sujeito um termo de papel paciente. No entanto, em nossa sincronia, encontram-se frequentes casos em que tais verbos apresentam uma construção transitiva indireta, como podemos ver abaixo, em que o verbo “desaparecer” tem como sujeito um termo agente (“a PM”) e como objeto indireto, um termo paciente preposicionado (“com seu corpo”):

O pai de Sérgio, Raimundo Gomes, disse acreditar que a PM tenha matado o garoto e **desaparecido com** seu corpo. (Sketch Engine. Corpus do Português Brasileiro. Acessado em 30/10/2014¹).

O reconhecimento dessas construções não é novidade na descrição linguística. Alguns dicionários mais recentes, como o Dicionário de usos do português do Brasil (BORBA, 2002) e o Dicionário UNESP (BORBA, 2004), já apresentam tais verbos em construções transitivas. No entanto, a colaboração desta pesquisa não está na comprovação da existência dessas construções mais recentes, mas sim na busca das motivações que suscitam esse processo de mudança.

Defende-se que tal mudança representa um processo de gramaticalização e construcionalização, motivado, sobretudo, pela estrutura conceptual humana. Nessa perspectiva, adjuntos adverbiais de traço agentivo (como as circunstâncias de “causa”, “condição” e “instrumento”) seriam promovidos à posição de sujeito, partindo de uma construção “sujeito paciente + verbo + adjunto adverbial” para uma outra: “sujeito agente + verbo + objeto indireto”. Tal hipótese é bastante plausível, na medida em que tais adjuntos permitem a transposição para uma construção em que eles passem a

funcionar como sujeito e o sujeito gramatical, como objeto indireto, como podemos comprovar nos *corpora* analisados. Abaixo, transcrevem-se três exemplos, nos quais adjuntos adverbiais de “causa”, “condição” e “instrumento”, se colocados na posição de sujeito (trazendo o sujeito gramatical para a posição de objeto indireto), produziriam uma construção “sujeito agente + verbo + objeto indireto”, análoga à que identificamos em grande parte de nossos *corpora*. Seguem alguns exemplos:

Os micos foram **desaparecendo com** a derrubada da mata pela especulação imobiliária. (Sketch Engine. Corpus do Português Brasileiro. Acessado em 30/10/2014).

Durante o tratamento com Rescold, embora raras, podem surgir algumas reações adversas como: náusea, tremor muscular, e erupções na pele que **desaparecem com** a suspensão do medicamento. (Sketch Engine. Corpus do Português Brasileiro. Acessado em 30/10/2014).
Com Clear, a caspa **desaparece**. (Revista Veja. Abril de 2006)

Ao fazer a transposição entre sujeitos e adjuntos adverbiais (nos moldes descritos acima), teríamos as seguintes ocorrências: “A derrubada da mata pela especulação imobiliária foi desaparecendo com os micos”, “A suspensão do medicamento desaparece com algumas reações adversas como: náusea, tremor muscular e erupções na pele” e “Clear desaparece com a caspa”. Tal procedimento funcionou em todos os exemplos extraídos dos *corpora* analisados, a saber: 74 ocorrências de adjunto adverbial de causa, 12 ocorrências de adjunto adverbial de condição e 3 ocorrências de adjunto adverbial de instrumento.

Referencial teórico

Esta pesquisa é de abordagem funcionalista. Nessa perspectiva, defende-se que a linguagem deve ser descrita em seu uso real, na medida em que a organização das estruturas linguísticas se dá mediante as funções a que serve a linguagem, que responde a diversas motivações (tanto internas quanto externas) e que, por isso, não pode ser descrita nem explicitada como um sistema autônomo (GIVON, 1995).

Uma vez que a gramática é vista como uma estrutura sensível às pressões do uso, o Funcionalismo precisa ir além da morfologia e da sintaxe, açambarcando concepções referentes aos diversos discursos – e também aos diferentes gêneros textuais

–, pois entende que são nessas instâncias que se manifestam – e melhor se explicitam – os processos de mudança linguística, que são sempre contínuos. Sob esse ponto de vista, as categorias são sempre fluidas, havendo uma constante alteração de limites, com redefinição de protótipos, tal qual podemos observar no processo de transitivização dos verbos em estudo.

Paralelamente ao Funcionalismo, faz-se uso de duas outras linhas teóricas, que convergem para uma mesma linha de raciocínio: a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2008) e a Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995 e 2006; CROFT, 2001 e 2004; TRAUGOTT, 2013). Ambas compartilham de visões análogas ao Funcionalismo, na medida em que a primeira é referência de muitos dos teóricos do Funcionalismo Linguístico e que a segunda representa pontos de vista complementares ao Funcionalismo, que servem à análise de unidades linguísticas maiores que a palavra.

A Gramática Cognitiva, em termos gerais, atende ao estudo da estrutura conceptual humana, mais especificamente, aos aspectos internos da linguagem. Para Langacker (2008), uma cláusula (e seus constituintes) está fundamentada na experiência humana básica. Quando analisamos as diversas línguas do mundo, por exemplo, observamos uma tendência para a categorização dos entes humanos como sujeitos da cláusula, e dos objetos (isto é, as coisas) como complemento do verbo. A hipótese de Langacker é a de que, se esse comportamento linguístico é comum nas línguas do mundo, é porque ele é inerente à estrutura conceptual humana. No entanto, vale ressaltar que a visão do autor se afasta de uma concepção computacional da mente, uma vez que a descrição de sua teoria é baseada na experiência do homem com o mundo físico.

A Gramática de Construções, ao permitir a análise de estruturas maiores do que a palavra, atende bem ao nosso objeto de estudo, já que a gramaticalização dos verbos “aparecer”, “desaparecer” e “sumir” não ocorre isoladamente, mas dentro de uma construção, havendo, portanto, um *continuum* entre léxico-sintaxe, isto é, *um pareamento de forma-sentido* (GOLDBERG, 1995 e 2006; CROFT, 2001 e 2004; TRAUGOTT, 2013). Ademais, o processo de transitivização é escalar. Observa-se, antes da transitivização, mudanças no nível micro (microconstruções, isto é, mudanças semântico-pragmáticas, mas não necessariamente morfossintáticas), para depois observarmos mudança no nível macro (macroconstrução, isto é, mudanças semântico-pragmáticas e morfossintáticas).

Evidências para o processo de transitivização na Gramática Cognitiva

Segundo Langacker (2008: 367), a função de sujeito orientada para o termo de papel agente da cláusula é um protótipo da seguinte situação:

Quando nada de mais está acontecendo, um evento chama nossa atenção, especialmente se for uma forte ação efetuando uma mudança. O ator tende fortemente a tornar-se o foco da atenção, pelo fato de ser o participante mais ativo, assim como a origem da energia. A orientação para o agente responde à tendência de pôr o ator no foco da expressão linguística. Na decodificação padrão dos eventos canônicos, o foco proeminente primário é conferido ao núcleo da cadeia de ação, ao agente que inicia a cadeia de interações. O alinhamento do trajetor da cláusula com o agente é canônico em muitas línguas (se não em todas). Em línguas desse tipo, o agente é o sujeito da cláusula.

Para tornar a citação mais inteligível, observe-se a cláusula “João abriu a porta com a chave”. Em critérios de força, João incidiria uma força X sobre a chave, que incidiria, por sua vez, uma força Y sobre a fechadura da porta. Como “João” é a origem da força (da cadeia de ações) – isto é, quem desencadeia a ação –, ele apresenta uma forte tendência a ocupar a posição de sujeito da cláusula. Para Langacker (2008, p. 355), a **Cadeia de Ações** é um dos arquétipos da conceptualização humana. Veja:

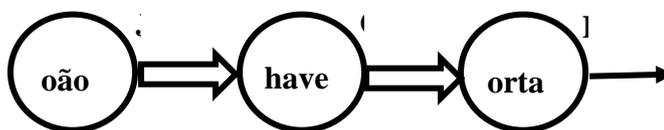


Fig. 1. Representação do arquétipo **Cadeia de Ações** de “João abriu a porta com a chave”.

Para o autor (2008), outros elementos podem competir para a posição de sujeito quando a fonte originária da energia não está perfilada (conceptualizada) na cláusula. Por exemplo, se desconsiderarmos “João” na conceptualização da cláusula “João abriu a porta com a chave”, o próximo núcleo da **Cadeia de Ações** – isto é, o instrumento – tenderia à ocupação da posição de sujeito. Portanto: “A chave abriu a porta”. Veja o que Langacker diz sobre essa promoção de instrumento a agente (*Ibidem*: 369):

Quando o perfilamento é limitado à interação instrumento-paciente, o instrumento é o escolhido; ele é semelhante ao agente porque ele afeta o paciente em termos locais, como a origem da energia.

Nos parâmetros de Langacker (2008), as duas cláusulas acima seriam conceptualizadas nos dois seguintes esquemas:

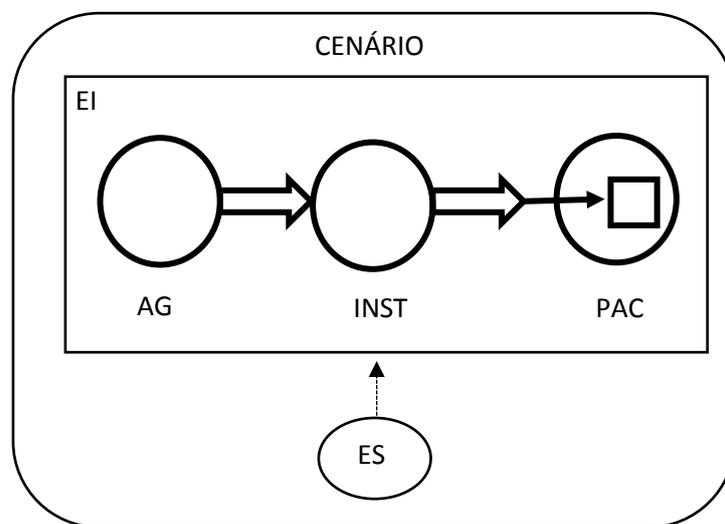


Fig. 2. Perfilamento dos componentes da cláusula “João abriu a porta com a chave”.

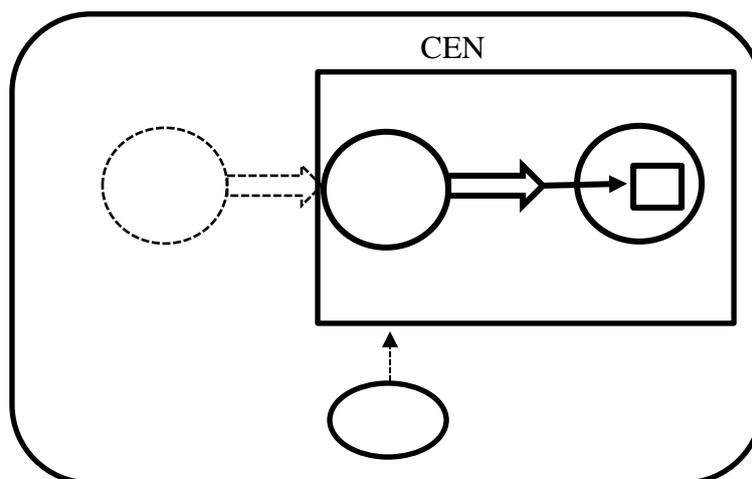


Fig. 3. Perfilamento dos componentes da cláusula “A chave abriu a porta”.

Nesse modelo de esquema, que corresponde ao arquétipo de palco, Langacker (2008) considera a conceptualização da cláusula como uma cena, “vista” pelo espectador (ESP). O termo “palco” é utilizado para sugerir que o processo cognitivo é semelhante a assistir a uma peça. Como nós não podemos ver tudo de uma única vez, assistir, portanto, exige o direcionamento e a focalização da atenção. A partir de nosso escopo de visão, selecionamos uma área limitada como o lugar da atenção. Dentro dessa região, nós focalizamos nossa atenção especificamente em certos elementos.

Sob esses critérios, no primeiro exemplo (Fig. 1), há, no escopo imediato (EI), todos os elementos conceptualizados: João (o agente), que com o uso da chave (o instrumento), abre a porta (o paciente). Já no segundo exemplo (Fig. 2), há apenas a chave (o instrumento) e a porta (o paciente). Nesse segundo caso, o instrumento foi promovido a agente, ou melhor, a sujeito da cláusula.

Em sua obra, Langacker faz uso de um exemplo análogo ao utilizado nos esquemas anteriores para explicitar essa tendência do instrumento a ocupar a posição de sujeito quando o agente originário da energia (o ente humano) não foi conceptualizado. Observe-se que se faz uso de uma construção transitiva direta, em que a alternância é corriqueira e, por isso, não apresenta grandes dificuldades de análise. Não obstante, essa alternância é semelhante à observada em nosso estudo. Em “Com Clear, a caspa desaparece”, a inversão de adjunto a sujeito e sujeito a objeto indireto (isto é, “Clear desaparece com a caspa”) torna-se possível porque “Clear” é um elemento mais agentivo (isto é, mais alto na cadeia de ações) do que “a caspa”.

Paralelamente à análise do adjunto adverbial de instrumento nos verbos inacusativos em estudo, observou-se o mesmo comportamento em adjuntos adverbiais de causa e condição, quando esses também representam a origem da cadeia de ações, como é possível observar nos exemplos utilizados na introdução deste trabalho, em que as circunstâncias de “causa”, “condição” e “instrumento” são alternadas para a posição de sujeito e o sujeito gramatical, para de objeto indireto.

A transitivização como um processo de construcionalização

Tradicionalmente, o processo de gramaticalização, em Funcionalismo, é associado ao processo de economia linguística, em que a rotinização das estruturas linguísticas acarreta redução da forma fônica, perda de complexidade (e informatividade), rapidez do enunciado e uma relação mais frouxa entre forma linguística e estrutura da experiência (NEVES, 2012). Nessa perspectiva, vê-se a gramaticalização como um processo de redução e aumento da dependência semântica e morfossintática. No entanto, recentemente, emerge uma nova abordagem que também vê a gramaticalização como um processo de expansão, tanto semântico-pragmática como morfossintática (TRAUGOTT, 2013).

Na obra *Constructionalization and Constructional Changes*ⁱⁱ, Traugott (2013) argumenta que vários processos de gramaticalização e mudança linguística envolvem a perspectiva de **Gramática como Expansão**, na medida em que vários estudos de caso – de construções, sobretudo – apontam para o aumento de esquematicidade, produtividade e composicionalidade (e não para a redução desses termos), como o caso dos falsos clíticos em inglês (“All” e “What”). Veja os exemplos (TRAUGOTT, 2013: 137):

What John did a few days later was readvertise. (Clítico da versão *John readvertised a few days later*).
What I'd like is a pint of beer. (Clítico da versão *I'd like a pint of beer*).

Acima, as expressões *What John did* (“o que John fez”) e *What I'd like* (“O que eu gostaria”) são falsas expressões clíticas, que podem ser extraídas das cláusulas, sem prejuízo de sentido. Nesse caso, observam-se esquematicidade, produtividade e composicionalidade no falso clítico, na medida em que não se apresenta em uma construção cristalizada, estando aberto a novas composições.

Sob o paradigma da **Gramática como Expansão**, encontram-se os estudos da construcionalização. Por *construcionalização*, entende-se o pareamento de uma FORMA_{NOVA}-SENTIDO_{NOVO}. Tal conceito se difere da definição mais básica de construção (pareamento forma-sentido), uma vez que trata, necessariamente, do processo de gramaticalização das construções, em que se observam mudanças tanto semântico-pragmáticas quanto morfosintáticas nas estruturas em análise.

Segundo Traugott (2013: 22), a construcionalização é antecedida por outras mudanças construcionais, em que há reanálise dos termos da construção. Nesta pesquisa, por exemplo, defende-se que os verbos “aparecer”, “desaparecer” e “sumir”, quando selecionam um sujeito paciente e um adjunto adverbial de “causa”, “condição” ou “instrumento”, terão este último elemento analisado como argumento, na medida em que ele não representa apenas um termo acessório do verbo. Veja:

Tal conotação somente desaparece **com a lei atual**.
Grande parte do problema desaparece com essa fórmula. (Sketch Engine. *Corpus* do Português Brasileiro. Acessado em 30/10/2014).

Se entendemos a circunstância como um termo acessório, isto é, como uma particularidade do verbo, devemos negar que os termos destacados nos exemplos acima

se incluem nessa categoria, uma vez que eles integram o sentido do verbo, assim como o fazem os complementos verbais. Desse modo, argumenta-se que antes da transitivização desses verbos, ocorre uma reanálise dessas circunstâncias, em que elas passam a ser vistas como argumentos (em uma perspectiva semântica). Sob esse ponto de vista, esse processo prescindiria a construcionalização, que só se efetivaria quando a mudança morfossintática também se estabelecesse, isto é, quando a construção “sujeito paciente + verbo + adjunto adverbial” se transformasse na construção “sujeito agente + verbo + objeto indireto”.

Os padrões construcionais de “aparecer”, “desaparecer” e “sumir”

Esta pesquisa compreendeu a análise de dois corpora: O PHPB (Para uma História do Português Brasileiro) e o Sketch Engine (site de linguística de *corpus* de várias línguas, dentre elas o Português Brasileiro). No PHPB, a frequência dos verbos “aparecer”, “desaparecer” e “sumir” foi de 30,89 palavras por milhão; no Sketch Engine, de 21,5 palavras por milhão. No PHPB, não encontramos ocorrências desses verbos seguidos da preposição “com”. No Sketch Engine, a frequência dessa construção foi a de 0,7 palavras por milhão. Vale ressaltar que a restrição a ocorrências de verbos seguidos de “com” se deve ao fato de a construcionalização, isto é, a construção “sujeito agente + verbo + objeto indireto” exigir essa preposição. Como anteriormente à construcionalização, ocorrem mudanças construcionais (em nossa análise, semântico-pragmáticas, mas não morfossintáticas), a restrição a esse padrão mostrou-se bastante oportuna.

No PHPB, identificaram-se 51 ocorrências dos verbos selecionados. Em todos os casos, encontrou-se o uso prototípico da construção intransitiva, com sujeito paciente.

No Sketch Engine, encontramos 191 ocorrências dos verbos selecionados, seguidos da preposição “com”. As construções identificadas nesse *corpus* foram as seguintes:

Construção	Ocorrências	Percentual
Sujeito + verbo + adjunto adverbial de causa	74	38,75%
Sujeito + verbo + adjunto adverbial de condição	12	6,30%
Sujeito + verbo + adjunto adverbial de companhia	9	4,72%
Sujeito + verbo + adjunto adverbial de tempo	20	10,48%
Sujeito + verbo + adjunto adverbial de modo	15	7,86%
Sujeito + verbo + adjunto adverbial de instrumento	3	1,58%
Sujeito + verbo + adjunto adverbial de concessão	1	0,53%
Sujeito + verbo + adjunto adnominal	2	1,06%
Sujeito + verbo + objeto indireto	53	27,75%

Tais construções podem ser classificadas nos seguintes padrões:

a) Sujeito paciente + verbo

Desapareceo ao abaixo assignado **hum mu-|leque creoulo**, por nome Carlos, idade pouco| mais ou menos, de 10 annos, dentes alvos, ca-|beça muito chata, calça de brim pardo já usada... (Anúncio do Sec. XIX. Corpus do PHPB)

b) Sujeito paciente + verbo + “com” em adjunto adnominal

Um período de grande fertilidade dos compositores nascidos em torno de 1810, alguns prematuramente **desapareceram com** mais ou menos 40 anos de idade. (Sketch Engine. Corpus do Português Brasileiro. Acessado em 30/10/2014).

c) Sujeito paciente + verbo + “com” em adjunto (de papel não agentivo)

Depois, lavar a cabeça com a macela cozida e a gripe VAI **desaparecer com** muita facilidade. (Sketch Engine. Corpus do Português Brasileiro. Acessado em 30/10/2014).

d) Sujeito paciente + verbo + “com” em adjunto (de papel agentivo)

Os micos **foram desaparecendo com** a derrubada da mata pela especulação imobiliária. (Sketch Engine. Corpus do Português Brasileiro. Acessado em 30/10/2014).

e) Sujeito agente + verbo + “com” iniciando objeto indireto

Prefeitura de Volta Redonda **DESAPARECE COM** mais de R\$ 7 milhões do orçamento da educação para 1998. (Sketch Engine. Corpus do Português Brasileiro. Acessado em 30/10/2014).

f) Sujeito agente + verbo + “com” iniciando adjuntos adverbiais (de papel não agentivo)

Em Fortaleza Policiais civis de Mato Grosso do Sul e Ceará estão à procura da vendedora Carla Patrícia Coelho , 29 , de Campo Grande (MS) , e do desempregado Flávio de Oliveira e Silva , 35 , de Goiânia (GO) , desaparecidos desde 8 de outubro . O casal se conheceu pela Internet e sumiu ao sair de um hotel cinco estrelas em Fortaleza (CE) , onde havia se encontrado pela primeira vez após um mês de \ ' \ ' namoro virtual \ ' \ ' . Os dois **desapareceram com** um carro Palio alugado da empresa Localiza e deixaram roupas e objetos pessoais no hotel , com a conta aberta de R\$ 1.700 . (Sketch Engine. Corpus do Português Brasileiro. Acessado em 30/10/2014).

Considerações finais

Os verbos “aparecer”, “desaparecer” e “sumir”, seguidos da preposição “com”, só admitem a “inversão” de adjunto adverbial a sujeito, quando as circunstâncias são de “causa”, “condição” e “instrumento” – e quando o sujeito gramatical é paciente, o que torna plausível a hipótese de que esses termos são interpretados como “argumentos”, acarretando, posteriormente, a construção “sujeito agente + verbo + objeto indireto”. Vale ressaltar que tal inversão é bastante produtiva, uma vez que todas as ocorrências analisadas em nosso *corpora* a possibilitam.

As construções “sujeito paciente + verbo + adjunto adverbial de causa” apresentam maior número de ocorrências. Em segundo lugar, aparecem as construções “sujeito agente + verbo + objeto indireto”, explicitando sua alta frequência e

fortalecendo a ideia de que são motivadas pelas circunstâncias de causa. Estas construções representam um processo de gramaticalização, na medida em que *quanto mais esquemática é uma construção, mais gramaticalizada ela é* (TRAUGOTT, 2013: 96).

As construções “sujeito agente + verbo + objeto indireto” ganham autonomia na língua. Em grande parte das ocorrências dessas construções presentes no *corpora*, é possível invertê-las, trazendo o sujeito gramatical para uma função circunstancial e o objeto indireto para a de sujeito. No entanto, em algumas delas, a inversão não é possível, como se observa no último padrão construcional (ao final do quinto tópico), o que evidencia que o processo de construcionalização ainda está em expansão.

Referências

BARBOSA, A. G; LOPES, C. R; CALLOU, D.M.I. *Corpus PHPB – Para uma História do Português Brasileiro*. Disponível em <<http://www.lettras.ufrj.br/phpb-rj/>>. Acessado em 30/10/2014.

BORBA, F. da S. (coord.) *Dicionário de usos do português*. São Paulo: Ática, 2002.

_____. (coord.) *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. 1. Ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

CROFT, W; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2001.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GOLDBERG, ADELE E. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. London: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at Work*. New York: Oxford University Press, 2006.

KILGARRIFF, A. et al. *The Sketch Engine. Corpus do Português Brasileiro*. Disponível em <<http://the.sketchengine.co.uk/>>. Acessado em 30/10/2014.

LANGACKER, R. *Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.

NEVES, M. H. de M. *A Gramática passada a limpo. Conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

TRAUGOTT, C. *Constructionalization and constructional change*. New York: Oxford University Press, 2013.

ⁱ O *corpus* do Português Brasileiro do site Sketch Engine apresenta registros de nossa sincronia. Infelizmente, o site não disponibiliza as datas em que esses registros foram produzidos. Endereço do site: <http://www.sketchengine.co.uk/>

ⁱⁱ Tradução: Construcionalização e mudanças construcionais.